



**CARTA**  
INTERNACIONAL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 2526-9038

# Ativismo transnacional em tempos de crise nacional: a construção de redes transnacionais nos Estados Unidos contra o *impeachment* de Dilma Rousseff

*Transnational activism in times  
of national crisis: the construction  
of transnational networks in the United  
States against the impeachment of  
Dilma Rousseff*

*Activismo transnacional en tiempos  
de crisis nacional: la construcción  
de redes transnacionales en Estados  
Unidos contra el impeachment de  
Dilma Rousseff*

## Copyright:

• This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

• Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.

DOI: 10.21530/ci.v19n1.2024.1393

Teresa Cristina Schneider Marques<sup>1</sup>

Carlos Schmidt Arturi<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo analisa a campanha de oposição ao impeachment de 2016 de Rousseff nos Estados Unidos, a partir da abordagem

- 1 Doutora em Ciência Política pela UFRGS, com estágio doutoral em Sociologia das Relações Internacionais no IEP-Paris (SciencesPo). Coordenadora do curso de graduação em Relações Internacionais e professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política e do Programa de pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). (teresa.marques@puers.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6038-2704>.
- 2 Doutor pelo Institut d'Etudes Politiques de Paris (Sciences Po). Professor do PPG em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). (carlos.arturi@uol.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0985-4064>.

Artigo submetido em 22/09/2023 e aprovado em 01/05/2024.





relacional e multidimensional proposta pela teoria do confronto político e pela sociologia dos movimentos transnacionais. Buscou-se compreender quais condições permitiram que a campanha transnacional baseada em tal argumento evoluísse nesse país em um curto período de tempo. Para tanto, analisou-se qualitativamente entrevistas semiestruturadas com ativistas transnacionais. A pesquisa indica que o contexto de crise nacional motivou a transnacionalização da campanha, enquanto o acirramento do confronto político nos Estados Unidos ofereceu novas oportunidades de difusão e construção de redes ativistas.

**Palavras-chave:** Democracia; Ativismo; Transnacionalismo; Impeachment; Dilma Rousseff.

## Abstract

The article analyzes the opposition campaign to the 2016 impeachment of Rousseff in the United States based on the relational and multidimensional approach proposed by the theory of political confrontation and the sociology of transnational movements. We sought to understand what conditions allowed the transnational campaign based on such an argument to evolve in that country in a short period of time. To this end, semi-structured interviews with transnational activists were qualitatively analysed. The research indicates that the context of national crisis motivated the transnationalization of the campaign, while the intensification of political confrontation in the United States offered new opportunities for dissemination and construction of activist networks.

**Key-words:** Democracy; Activism; Transnationalism; Impeachment; Dilma Rousseff.

## Resumen

El artículo analiza la campaña de oposición al impeachment de Dilma Rousseff en 2016 en Estados Unidos a partir del enfoque relacional y multidimensional propuesto por la teoría de la confrontación política y la sociología de los movimientos transnacionales. Buscamos comprender qué condiciones permitieron que la campaña transnacional basada en tal argumento evolucionara en este país en un corto período de tiempo. Para ello, entrevistas semi estructuradas con activistas transnacional es fueran analizadas cualitativamente. La investigación indica que el contexto de crisis nacional motivo la transnacionalización de la campaña, mientras que la intensificación de la confrontación política en Estados Unidos ofreció nuevas oportunidades para la difusión y construcción de redes activistas.

**Palabras-clave:** Democracia; Ativismo; Transnacionalismo; proceso de destitución; Dilma Rousseff.





## Introdução

O impeachment da presidente brasileira Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), em 31 de agosto de 2016, é um marco de uma grave e longa crise política institucional. A herança de mais de uma década de governo do PT, marcada sobretudo pelo crescimento econômico, pela ampliação das políticas sociais e pelo fortalecimento da posição brasileira no cenário internacional, é apontada como responsável pelo sucesso de Rousseff nas urnas em outubro de 2014. Entretanto, o resultado desse pleito decepcionou fortemente uma parcela da classe política e do eleitorado conservador, que imaginava que a diminuição do ritmo econômico e os grandes protestos de 2013 — reivindicados pela direita enquanto símbolo de um suposto esgotamento do modelo de gestão do PT —, levaria à derrota eleitoral da esquerda (Tatagiba 2018; Limongi 2023). Em reação a esta frustração, setores da oposição, descontentes com o acúmulo de quatro fracassos consecutivos na disputa pelo poder executivo do país, colocaram em questão os resultados das urnas, logo após as eleições, e deram início à uma grave crise política.

Desde então, observou-se o acirramento do confronto político no Brasil, que ganhou projeção internacional e transnacional. Foram criados dezenas de coletivos<sup>3</sup> em 2016, incentivando novos estudos, oriundos sobretudo da antropologia (Pelúcio e Paz 2020; Fortes 2020; Cogo 2019). Boa parte destes movimentos se engajaram, na conjuntura posterior, contra a prisão de Lula em 2018 e pela defesa da democracia no Brasil durante o mandato de Jair Bolsonaro (2019-2022).

Todavia, ainda há poucos trabalhos publicados no Brasil sobre a transnacionalização do confronto político no Brasil após 2016, a partir das ferramentas teóricas da teoria do confronto político e da sociologia dos movimentos transnacionais. Esta abordagem relacional visa compreender o papel do contexto para as formas assumidas pelas mobilizações (McAdam, Tarrow e Tilly 2001;

---

3 A “Frente Internacional de Brasileiras e Brasileiros pela Democracia e Contra o Golpe e pela Democracia” pode ser entendida enquanto uma coalizão transnacional que reuniu mais de 60 coletivos protagonizados por migrantes brasileiros que se dedicavam à ações de oposição ao impeachment de 2016 no exterior. A FIBRA efetivou encontros e outras ações coordenadas (Fortes 2020). Entre as ações da FIBRA, destaca-se a tentativa de mapear os coletivos existentes do exterior. Um dos mapeamentos de coletivos atuantes no exterior pela democracia no Brasil pode ser visto em: FIBRA. Coletivos. *Frente Internacional de Brasileiras e Brasileiros pela Democracia e Contra o Golpe e pela democracia* — Página de internet. Disponível em: <https://fibrabrasil.wordpress.com/>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.





Tilly e Tarrow 2008; Tarrow 2009; Meyer 2004, Siméant-Germanos 2010, McAdam 2003). Isto é, busca compreender como dimensões importantes da vida política, como os regimes políticos nacionais, as redes de relacionamento interpessoal e, também, o cenário internacional interagem gerando oportunidades e restrições políticas e afetando os repertórios de ação e enquadramentos interpretativos.

É fundamental compreender as particularidades do contexto do impeachment de 2016 para o ativismo transnacional, uma vez que o processo foi marcado por uma série de mudanças estruturais em um curto período, mas que mudaram as oportunidades disponíveis. Para Tilly, períodos com essa natureza podem representar um processo de evolução de repertórios em “turbilhão”: diferente do processo progressivo, caracterizado por mudanças políticas menos rápidas, tais processos “são mais espetaculares e às vezes produzem “viradas” com efeitos de longa duração” (Tilly e Tarrow 2008, 49). Quando essas mudanças rápidas significam o fechamento de oportunidades no nível doméstico, os atores podem procurar por novas oportunidades na dimensão internacional, objetivando assim projetar o confronto transnacionalmente, tal como destacado por Keck e Sikkink ao analisar o efeito por elas definido como *boomerang* (1998). Logo, a projeção transnacional do confronto doméstico, como um efeito da evolução dos repertórios motivados pelos “processos de transformação política em turbilhão”, fica evidente em momentos de crise política nacional.

De acordo com estas autoras, essa projeção não depende apenas da vontade dos ativistas, mas também da abertura de oportunidades por atores externos (Keck e Sikkink 1998). A depender dos canais abertos, diferentes processos de transnacionalização podem ocorrer, dentre os quais, merece destaque a ação coletiva transnacional. Ela corresponde a campanhas internacionais coordenadas por atores não estatais ou mistos (coalizões) contra Estados ou instituições internacionais (Della Porta e Tarrow 2005, 2-3). Todavia, a literatura oferece poucas contribuições para a compreensão do papel do contexto do local onde se desenvolvem as campanhas para a origem e evolução de conexões transnacionais mais duradouras.

O artigo pretende contribuir para esse debate a partir do estudo da campanha contra o impeachment de Dilma Rousseff desenvolvida por redes transnacionais baseadas nos Estados Unidos, a partir de 2016. A fragilidade do argumento das irregularidades fiscais cometidas pela presidente como justificativa para seu impedimento permitiu, por sua vez, que muitos atores sociais e políticos caracterizassem este processo como um autêntico golpe de estado. Neste





artigo, não abordaremos a discussão sobre a caracterização do processo de impeachment como um golpe de Estado, mas nos interessa compreender quais foram as condições que permitiram que a campanha internacional baseada em tal argumento evoluísse nos Estados Unidos em um curto período. Com efeito, a campanha iniciada como um movimento organizado por poucos ativistas contra o impeachment de Dilma Rousseff evoluiu rapidamente para uma coalizão mista que se tornou mais visível durante o governo Trump. Diante desse fato, nos perguntamos: As transformações do contexto norte-americano no período abriram novas oportunidades de projeção transnacional do confronto no Brasil?

A escolha dos Estados Unidos se deu por fatores diversos. Em primeiro lugar, se trata do país na qual reside a maior comunidade brasileira expatriada. De acordo com dados mais atuais do Ministério das Relações Exteriores, a comunidade brasileira no Estados totaliza 1.941.950 cidadãos (Brasil 2021). Em segundo lugar, os Estados Unidos tem um histórico de movimentos de solidariedades com o Brasil, que tem início com a chegada dos militares ao poder em 1964, de acordo com James Green (Green 2009). Por último, o caso da atuação de ativistas transnacionais em 2016 nos Estados Unidos é relevante, diante do grande número de coletivos que emergiram no período e da diversidade de atores engajados. Ela deu origem à atuação de diversos movimentos em favor da democracia no Brasil, liderada em larga medida, pelo Washington Brazilian Office.

Quanto à metodologia, a pesquisa partiu de uma abordagem qualitativa. Segundo Alonso, tal abordagem permite a análise da interpretação que os sujeitos constroem de sua própria prática (Alonso 2012). Uma vez que a abordagem qualitativa destaca os discursos, a linguagem e os sentidos como elemento de estudo, as entrevistas se tornam fontes privilegiadas da pesquisa. Este artigo se concentrou em entrevistas semiestruturadas realizadas com ativistas estrangeiros e brasileiros atuantes nos Estados Unidos. Existem especificidades na mobilização da entrevista em contextos de pesquisa internacionais (Alles, Guibaud e Lavrange 2016; Dauvin e Siméant, 2001). No caso da presente pesquisa, que faz parte de um projeto mais amplo <sup>4</sup>, cabe destacar a questão do idioma e mesmo a desconfiança entre entrevistador e entrevistado. Tais desconfianças podem

---

4 O presente artigo é resultado dos achados iniciais de projeto de pesquisa projeto de pesquisa “Padrões de ativismo transnacional migrante em tempos de ascensão da direita: a atuação política de brasileiros na Argentina, Estados Unidos e França” coordenador por Teresa Cristina Schneider Marques. O projeto beneficiado com o bolsas de iniciação científica financiadas pelas seguintes agências: Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico (CNPq) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS-BPA).





ser acentuadas nesse caso, visto as implicações legais dirigidas a migrantes em um cenário internacional que vincula à cidadania à tríade Estado-Nação-Território. Destaca-se ainda uma das principais dificuldades impostas ao estudo do ativismo transnacional: a dispersão geográfica dos atores em estudo. Tais obstáculos foram superados por meio da mobilização da plataforma zoom — uma ferramenta de comunicação que atualmente é comumente utilizada por migrantes internacionais para múltiplos fins<sup>5</sup>. No presente artigo, foram selecionadas as falas dos ativistas que se engajaram em redes transnacionais durante o ano de 2016. Com o objetivo de compreender o papel do contexto para a evolução da campanha, as entrevistas se concentraram em interpretações dos ativistas sobre as motivações para o engajamento, o processo de construção de redes e de escolha dos repertórios de ação. No total, foram analisadas 4 entrevistas, sendo duas identificadas e duas anonimizadas<sup>6</sup>.

O artigo está organizado em três partes. Na primeira parte discute-se as contribuições teóricas mobilizadas para a compreensão do ativismo transnacional. Na segunda parte, aborda-se a crise política brasileira e sua dimensão transnacional. Finalmente, apresenta-se a análise das entrevistas.

## A análise teórica do ativismo transnacional

O ativismo transnacional pode ser compreendido enquanto ações coletivas efetivadas por atores não-estatais — que podem atuar em rede com atores estatais — visando a influenciar o cenário político além das fronteiras territoriais de um único Estado (Tarrow 2007). O estudo parte da identificação dos desafios impostos a essa forma de ação coletiva pela configuração do Sistema Internacional, marcado pela tríade território-Estado-Nação (Siméant 1998; Moulin 2011). Entretanto, a arena internacional também pode oferecer oportunidades políticas, a depender do

---

5 É certo que existem inconvenientes à entrevista realizadas por ferramentas *online*. Todavia, a ferramenta permitiu não apenas ultrapassar o problema da dispersão geográfica, como também a impossibilidade de mobilidade internacional imposta pela pandemia COVID-19. Destaca-se que as entrevistas foram efetivadas com base nos critérios éticos de registro e armazenamento recomendados para as Ciências Sociais. Tais normativas foram motivadas pelo contexto pandêmico e estão disponíveis online. Ver: Ofício Circular N° 2/2021/CONEP/SECNS/MS. Brasília, 24 de fevereiro de 2021. Disponível em: [conselho.saude.gov.br › imagens › Oficio\\_Circular\\_2](https://conselho.saude.gov.br/imagens/Oficio_Circular_2)

6 A identificação das entrevistas ficou a critério dos próprios entrevistados, uma vez que essa é uma possibilidade garantida pela resolução 510 do CONEP, que trata de pesquisas com seres humanos no campo das Ciências Sociais. Ver: Conselho Nacional de ética em Pesquisa. Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>





contexto (Della Porta e Tarrow 2005). Os diferentes canais abertos dão origem a distintos processos de transnacionalização. Outrora, o “velho transnacionalismo” compreendia apenas três processos, segundo Tarrow. Seriam eles: em primeiro lugar, a “domesticalização”, entendida como a repercussão em nível nacional de conflitos com origem no exterior; em segundo lugar, a externalização, isto é, a pressão direcionada às organizações intergovernamentais quanto a problemas “internos”; e finalmente, a difusão, ou em outras palavras, a migração de ideias e práticas de um movimento social para outro espaço nacional.

Todavia, a chamada “internacionalização complexa”, marcada pela chegada de novos atores ao cenário internacional — ainda que o Estado se mantenha como a principal fonte de poder —, evidencia a necessidade de compreensão dos protestos transnacionais e redes e coalizões de ativismo transnacionais. Efetivamente, o chamado “Novo transnacionalismo” emergiu com o avanço dos meios de comunicação e tornou evidente um novo processo de transnacionalização: a ação coletiva transnacional. Isto é, campanhas internacionais coordenadas por atores não estatais ou mistos (coalizões) contra Estados ou instituições internacionais (Della Porta e Tarrow 2005, p. 2-3).

As campanhas transnacionais indicam a necessidade de ultrapassar o entendimento da “arena internacional” enquanto um espaço restrito à atuação das organizações estatais ou interestatais e analisada apenas como pano de fundo das transformações nas formas de organização política dos atores. Uma contribuição pioneira foi oferecida por Joseph Nye e Robert Keohane na obra *Transnational Relations e World Politics* (1971). Os autores destacam as conexões que interligam atores não-estatais além das fronteiras, tais como as corporações multinacionais e ONGs, com foco na globalização como fator explicativo.

Todavia, o presente trabalho se alinha à perspectiva de que a compreensão das ações coletivas transnacionais precisa ultrapassar a adoção da globalização como substituta do Estado-Nação, enquanto categoria central de análise. Siméant destaca que as conexões entre atores não-nacionais antecedem a globalização (2010, 122). Tal abordagem, denominada de sociologia dos movimentos transnacionais, busca compreender a importância da dimensão internacional para a análise das ações, dos protestos e dos atores não-estatais com atuação transnacional. Ela combina as contribuições dos estudos sobre organizações não-governamentais e sobre movimentos antiglobalização com os achados teóricos da Teoria do confronto político (McAdam, Tarrow e Tilly 2001; Tilly e Tarrow 2008; Smith, Chatfield e Pagnucco 1997; Keck e Sikkink 1998; Tarrow 2007a, 2007b).





Charles Tilly contribuiu sobremaneira para a construção da sociologia dos movimentos transnacionais a partir de ferramentas da sociologia histórica. Ao assumir que o “tempo e o espaço” importam, Tilly garantiu foco ao contexto. Uma vez que “os regimes variam entre um país e outro” (Tilly e Tarrow 2008 101) e que os regimes determinam a natureza da coerção, compreendê-los seria essencial. Assim, os Estados e os níveis de coerção constituem a principal variável explicativa da ação coletiva — ainda que não a única — mas eles diferem muito entre si (Tilly 2007a 2006). Interessado por guerras e revoluções, Tilly se aproximou dos estudos de ação coletiva propostos por Sidney Tarrow e Doug McAdam (McAdam, Tarrow e Tilly 2001). Todavia, durante um período considerável, o foco desses intelectuais se manteve no regime político, aproximando-se de uma perspectiva estruturalista, que conta com o conceito de estrutura de oportunidades políticas como central para a compreensão do contexto no qual se inserem as mobilizações (Alonso 2012). O conceito de “oportunidades políticas” pode ser entendido enquanto os fatores incentivam o engajamento, enquanto as restrições representam os obstáculos impostos à ação (Tarrow 2009, 38-39).

Embora trouxesse uma contribuição importante ao entender os atores políticos enquanto forças que não são fixas esse sim resultantes de interações negociadas entre pessoas e instituições (McAdam, Tarrow e Tilly 2001,12), o caráter excessivamente estruturalista dessa perspectiva foi abandonado em detrimento de uma abordagem mais relacional. Essa abordagem relacional, de acordo com David Meyer, mostra como os movimentos se relacionam com as instituições e inclusive com os contramovimentos (2004; 2015). Ela trouxe importantes contribuições para a análise das mobilizações políticas transnacionais, sujeitas a diferentes constrangimentos, muitas vezes oriundos de outros atores que não os Estados nacionais.

A sociologia dos movimentos transnacionais parte dessas contribuições para compreender não apenas a dimensão organizacional proposta pelos estudos sobre Organizações Não-governamentais, ou os chamados “bons movimentos globais”, que foram foco dos estudos sobre globalização. Efetivamente, os estudos sobre organizações e novos atores nas Relações Internacionais evidenciam essa pluralidade (Devin e Smouts 2011; Herz e Hoffmann 2004; Milani, Arturi e Solinís 2002; Clark 1995; Barros-Platiau, Granja e Soendergaard 2021; Bringel 2011). Ao analisar tanto processos institucionalizados, como também os processos mais conflituosos que alcançam o cenário internacional e transnacional, permite compreender a atuação de grupos sociais mais







invisibilizados pelos estudos sobre ativismo transnacional, tais como os migrantes (Siméant-Germanos 2010).

Os estudos que partem dessa perspectiva assumem que existem diferenças estruturais de acesso a recursos e conexões políticas entre os diferentes atores e redes, gerando diferentes influências sobre os movimentos e coalizões. Isto é, procura-se compreender a influência das oportunidades e restrições políticas nos repertórios de ação, ou, em outras palavras, as formas de ação que podem ser explicadas a partir da análise contextual. No caso das ações transnacionais, as redes se tornam particularmente importantes, já que elas possuem o potencial para remover os custos da ação política que ora são impostos pelo regime político onde atuam, ora são impostos pelas condições legais particulares dos atores transnacionais<sup>7</sup>. Por isso, a compreensão das redes de ativismo é tão importante para a análise do ativismo transnacional quanto o contexto, ainda que elas também sejam usadas pelos atores nacionais que visam a “transnacionalizar” suas causas, ao ofertar canais de solidariedade aos atores transnacionais (Devin 2004; Sikkink 2005).

O regime político nacional se mantém central na análise do contexto transnacional, uma vez que o Estado tem o direito legítimo e exclusivo de coerção de ações políticas, porém, ele também é constrangido pelas organizações intergovernamentais e outros Estados. Assim, a globalização fez com que a “estrutura de oportunidades” se tornasse ainda mais móvel (Tilly e Tarrow 2008, 50), afetando as possibilidades do regime político, que é o alvo dos ativistas, constranger os repertórios de ação transnacionais (Arturi 2004, 290-291). Isso também fica evidente quando, diante do fechamento dos canais internos, os ativistas conquistam em solo estrangeiro oportunidades que permitem a criação e desenvolvimento de campanhas transnacionais focadas em acontecimentos políticos vistos à primeira vista como problemas domésticos. Embora marcados pelo seu caráter efêmero, podem dar início a conexões mais duradouras, com identidades mais amplas, a depender do contexto (Tarrow 2009, 175).

Visando contribuir com o debate sobre o papel do contexto do país onde se desenvolve então para que o conflito assuma um caráter multidimensional, partimos para a análise da crise política.

---

<sup>7</sup> Ver: Os estudos sobre o engajamento político de exilados brasileiros pelo regime militar apontaram a importância das redes enquanto redutoras das restrições à ação política no exterior. Ver: Marques 2011.





## Crise política e oportunidades transnacionais

As crises políticas são períodos marcados por rápidas transformações. Segundo Ury e Smoke, trata-se de processos influenciados pela urgência, por risco e/ou expectativas de perdas severas. Os autores destacam ainda o nível de incerteza generalizado, muito maior do que aquele registrado em democracias nas quais as instituições funcionam de acordo com o esperado (Ury e Smoke 1991). Analisadas a partir de uma perspectiva processual, algumas crises podem ser entendidas enquanto partes de processos de “desdemocratização” (Tilly 2007; Bianchi, Chaloub, Rangel e Wolf 2021). Para Tilly, estes processos ocorrem quando os canais que permitem aos cidadãos de expressar suas demandas, de forma igualitária e protegida pelo Estado, são colocadas em questão (2007, 14). Trata-se de uma reversão de processos de democratização anteriores e podem originar “processos de transformação política em turbilhão”, em virtude da possibilidade de ocorrência de rápidas transformações institucionais (Tilly 2007, 78).

Em uma sociedade globalizada, os efeitos de crises políticas ultrapassam as fronteiras nacionais. Segundo Carlos Milani, “crise política e crise econômica se entrecruzam, e ambas, dialeticamente, produzem repercussões sociais mais amplas”, sobretudo quando crise pode ser compreendida a partir de uma perspectiva multiescalar (2012, 1). A situação de crise política doméstica parece ser uma condição ímpar para a ação transnacional, pois pode afetar as múltiplas dimensões que constituem as janelas de oportunidades do ativismo transnacional.

É importante destacar que, segundo Kathryn Sikkink, as oportunidades políticas do ativismo transnacional são marcadas pelo caráter dinâmico e relacional da estrutura multidimensional no qual está inserido (Della Porta e Tarrow 2005; Tarrow 2005; Tilly 2006; Sikkink 2005; Gohn e Bringel, 2012). A dimensão internacional diz respeito à abertura de instituições internacionais ao ativismo transnacional. Por sua vez, a dimensão doméstica, diz respeito à abertura das oportunidades políticas no território onde agem os atores transnacionais (Sikkink 2005, 151-153). O caso brasileiro é aqui destacado para compreender como uma crise pode afetar as oportunidades e restrições na dimensão internacional, além dimensão doméstica.

A crise que teve como no *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016 um dos seus pontos altos, o país inseriu o país no centro do debate sobre a crise global das democracias no Ocidente. Como afirmou Jairo Nicolau no prefácio à edição brasileira da obra “Como as democracias morrem”, de Steven Levitsky





e Daniel Ziblatt, a análise do caso norte-americano, com a eleição de Trump em 2016, leva invariavelmente a um paralelo com o caso brasileiro (Nicolau 2018, 11). Esse debate não ficou restrito à intelectualidade e alcançou todo o sistema internacional. De acordo com André Reis da Silva e Eduardo Svartman, “a repercussão internacional da crise política brasileira é observável a partir das posições dos governantes, de personalidades estrangeiras, de Instituições e Organismos internacionais e também da mídia internacional” (2016, 8). Todavia, a complexidade do processo abriu espaço para uma diversidade de narrativas:

Durante as cerca de oito horas de votação [do impeachment], o Brasil esteve nas notícias mais importantes (“breakingnews”) de centenas de canais de televisão, jornais, rádios e sites de todo o mundo. E, durante todo este tempo, jornalistas enfrentavam em diferentes sotaques o desafio de explicar o emaranhado de relações de poder e alianças no Congresso brasileiro e a construção de um discurso conservador e autoritário, no caminho que levou à abertura de processo para julgamento de um possível impeachment da presidenta Dilma Rousseff (Nóbrega, 2016).

Tal contexto permitiu que atores não-estatais disputassem essas narrativas. A pesquisa realizada até o presente momento indica que residentes brasileiros no exterior e intelectuais brasilianistas entenderam essa disputa como uma motivação para o engajamento transnacional. Segundo Juliette Dumont, uma ativista do Rede Europeia pela Democracia no Brasil (Red.Br) em entrevista, no caso dos ativistas na França, a mídia começou a procurá-los em virtude das atividades acadêmicas propostas sobre o tema (Foucher 2019).

Ao projetar internacionalmente o debate sobre a condição de um regime político, a crise forneceu novas oportunidades políticas para os atores transnacionais para gerar os chamados enquadramentos interpretativos. Estes possuem a função de indentificar um problema, propor uma solução e incentivar o engajamento (Silva, Cotanda, Pereira, 2017). Dessa forma, garantiu novos canais de difusão que podem permitir que determinados temas sejam acolhidos não apenas pela mídia, mas inclusive outros atores internacionais, como organizações não-governamentais e instituições internacionais. A difusão de um determinado enquadramento pode permitir novas conexões e com outros aliados transnacionais, gerando padrões *boomerangs* que potencializam as ações transnacionais (Sikkink 2005). No caso brasileiro, cabe destacar que o país ganhou destaque no cenário internacional durante o período de governos do Partido dos Trabalhadores (PT) (Cervo e Lessa 2014, 134).





Por sua vez, para compreender de que maneira a crise política pode abrir novas redes de relacionamento, faz-se necessário compreender o contexto dos países nos quais se desenvolvem a ação dos movimentos transnacionais. Nesse sentido, nos valem das contribuições desenvolvidas por Charles Tilly sobre o peso do Estado-nação e sobre como suas diferentes capacidades afetam a influência do sistema internacional nas ações coletivas que se desenvolvem em seus territórios (2007; 2006). Para este autor, os repertórios de ação, natureza das coalizões e os enquadramentos temáticos dos atores podem variar de acordo com as transformações do regime.

Nesse sentido, destacamos o caso dos Estados Unidos. Em 2016, tal país contava como Barack Obama do partido Democrata no final do seu segundo mandato, sendo o primeiro presidente negro da história norte-americana. Obama teve um governo marcado por avanços, tais como a criação de um sistema de saúde, muito embora tenha efetivado políticas vistas como controversas pelos setores progressistas, tais como a política conservadora em relação aos migrantes (Sauviat 2015). Por outro lado, sendo o último ano do seu governo, cabe destacar que o contexto norte-americano no período em questão também foi marcado pela ascensão da extrema direita no país, que culminou no processo eleitoral que levou Donald Trump (Partido Republicano) à presidência dos Estados Unidos em 2017. Sua eleição, de acordo com autores como Levistky e Ziblatt, foi compreendida como um risco às instituições democráticas (2018). Como reação ao contramovimento, tal como destacado por Meyer, o cenário político americano foi marcado pelo fortalecimento de redes ativistas, inclusive transnacionais, dentre as quais merece destaque o feminismo, também em resposta aos ataques de Trump às mulheres. O cenário, portanto, evoluiu rapidamente para um contexto de acirramento do confronto político, com a ampliação das redes ativistas.

Além do contexto político e social dos locais onde se desenvolvem as ações, importa compreender a inserção deste no sistema internacional. Sikkink destaca que as oportunidades variam entre países e também dependem das relações entre países (2005, 153). A partir da contribuição de Milani (2012), Svartman e Silva (2016), assume-se que as relações internacionais, mesmo as bilaterais, podem ser afetadas de forma particular pelas crises políticas nacionais, o que, no caso da presente pesquisa, justifica a crise brasileira no centro da análise. Essa dimensão se mostra extremamente complexa uma vez que implica em compreender não apenas as relações bilaterais, mas inclusive as relações com as estruturas multilaterais, uma vez que o processo de impeachment pode ser





lido enquanto uma violação de tratados internacionais ratificados pelo Brasil<sup>8</sup>. No caso das relações entre Estados Unidos e Brasil, destaca-se que após a queda do muro de Berlim, os governos dos dois Estados buscaram aprofundamento das relações tanto políticas quanto econômicas, buscando superar as divergências em pontos específicos. De acordo com Vigevani, esse cenário foi observado durante o governo de Obama (2011, 08). A mídia inclusive destacou que a chegada de Michel Temer à presidência em primeiro de março de 2016 foi marcada pelo silêncio do então presidente Barak Obama e mesmo da aprovação do processo pelo então vice, Joe Biden (Ayuso 2016 a; Ayuso 2016b).

Diante desse cenário, como é possível compreender a rápida evolução da campanha de oposição ao impeachment de Dilma Rousseff nos Estados Unidos? A partir da análise das entrevistas, procuraremos refletir sobre as motivações para o engajamento e compreender a forma como os ativistas pela democracia no Brasil interagiram com o contexto por meio da análise do processo de construção de redes e de escolha dos repertórios de ação.

## **Os ativistas transnacionais em um contexto multidimensional de crise**

Conforme destacado na introdução, a mobilização transnacional de solidariedade norte-americana/brasileira pode ser considerada histórica. James Green identifica cinco momentos de solidariedade entre movimentos de esquerda norte-americanos e brasileiros no século XX e XXI. O primeiro momento ocorre logo após o Ato Institucional N° 5 (AI-5), em 13 de dezembro de 1968, que marcou o início do período de repressão mais violenta do regime militar; o segundo se dá no ápice do movimento sindical liderado por Luís Inácio Lula da Silva, em 1980; o terceiro momento ocorre durante o período da Assembleia Nacional Constituinte e se centrava na questão da Amazônia e na luta dos seringueiros; o quarto acontece logo após a eleição de Luís Inácio Lula da Silva, em 2002, que registrou menor força; e, finalmente, o quinto momento foi marcado pelo contexto de eminência do impeachment de Dilma Rousseff, em 2016 (Green 2018).

---

8 Entre eles, destacamos: a Carta Democrática Interamericana (2001) e o Protocolo de Ushuaia sobre compromisso democrático no Mercosul (1998).





Todavia, a análise contextual parece ser central para a compreensão da emergência do movimento de solidariedade transnacional de 2016. De acordo com David Meyer, o contexto tem um papel central na análise da evolução da adesão aos movimentos sociais e às redes de ativismo, visto que ele permite inclusive compreender como um movimento se relaciona com o contramovimento. Em reação ao contramovimento, segundo o autor, indivíduos que não são tradicionalmente engajados podem se juntar ao movimento composto por ativistas com atuação política mais regular (2004).

No caso em estudo, destaca-se que, em 2016, a emergência de novas forças políticas no Brasil que podem ser consideradas como um contramovimento. Entre eles, se destaca o Movimento Brasil Livre (MBL), entre outros que argumentavam a favor da legitimidade do processo de impeachment (Tatagiba 2017; Tatagiba 2018). A análise das entrevistas com os ativistas permite refletir sobre o papel do contexto para a emergência desse quinto momento, após anos de invisibilidade de movimentos transnacionais em favor do Brasil nos Estados Unidos.

De acordo com o brasilianista James Green, a emergência de um contramovimento tem um papel explicativo na ampliação do engajamento transnacional nos Estados Unidos:

“O trabalho realmente durou 2 ou 3 anos desapareceu de novo, não tinha um fôlego de seguir adiante, e as pessoas já comentaram: “mas para quê? Lula está eleito presidente, a esquerda está no poder, não precisam de movimento de solidariedade”. Bom, então houve certos silêncios, sempre grupos de brasileiros tentando articular uma ou outra questão, em geral defesa dos imigrantes, e sempre brasilianistas interessados uma ou outra questão política no Brasil, mas o que realmente mobilizou foi o golpe, e o processo contra o Lula da Lava Jato, do Sérgio Moro... em 2016 começaram de surgir em todo país [Estados Unidos] coletivos, a maioria de brasileiras e brasileiros estudantes da pós-graduação, alguns grupos de imigrantes ou que tinha dentro deles imigrantes e alguns brasilianistas no primeiro momento, e foi crescendo, crescendo...” (James Green em entrevista concedida à TM em 13 de maio de 2021, via plataforma Zoom)

A fala do entrevistado destaca a adesão progressiva aos movimentos de solidariedade transnacionais nos Estados Unidos motivados pelo interesse em disputar a narrativa. Nesse sentido, além da importância do contexto brasileiro, aborda uma outra dimensão fundamental da estrutura ou janela de oportunidades políticas que são as redes de relacionamento interpessoal. De acordo com McAdam





e Paulsen, as redes têm a importante tarefa de diminuir os custos da participação política e a de gerar recursos para a militância (1993).

No caso das mobilizações de migrantes, tais custos são ainda maiores em virtude da vinculação da cidadania ao território-nação de origem e inclusive à própria dispersão da população migrante em um país com grande território, como é o caso dos Estados Unidos. Por isso, a situação de crise pode significar uma oportunidade de ampliação das conexões entre potenciais ativistas, por meio das conexões entre migrantes. De acordo com uma ativista brasileira que deu início ao seu engajamento em Washington, a indignação com o processo a conectou de outros brasileiros:

“Foi exatamente durante o começo do processo do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e aí por ironia do destino, não sei, organicamente, fui conhecendo, conheci um brasileiro, depois conheci uma outra brasileira, que estavam, um tava dentro do BID [Banco Interamericano de Desenvolvimento] outro, a outra, não estava, e começamos a conversar o a gente podia fazer e o primeiro protestinho foi eu e ela, que não tava no BID, para gente fazer um contraprotesto com o pessoal que tava pedindo o golpe, pediu o impeachment, na frente do consulado no começo 2016, e aqui foi crescendo e a gente foi conhecendo mais pessoas, mais pessoas, eram jovens profissionais e estudantes, e agente foi ampliando muito mais” (Entrevista anônima 1 concedida à TM em 09 de junho de 2021, via plataforma Zoom)

Com efeito, de acordo com a Frente Brasileira Internacional contra o golpe e a democracia (FIBRA), é possível localizar 12 iniciativas em diferentes cidades dos Estados Unidos em oposição ao impeachment de 2016. Em geral, tais iniciativas se auto intitulam como “coletivos”. De acordo com Rebecca L. Bordt, os coletivos podem ser compreendidos como uma forma de organização política que se caracteriza pelo seu caráter organizacional horizontal (1990) . Embora tal mapeamento possa ser incompleto, dado à natureza do ativismo transnacional, esse mapeamento reflete a multiplicação de iniciativas de resistência nos Estados Unidos em 2016 como canais de conexão entre brasileiros nesse país. São eles:





### Quadro 01: Coletivos contra o impeachment de 2016 nos Estados Unidos

1	Coletivo Resistência em Austin	Austin
2	Boston Contra o Golpe	Boston
3	#ResistBrasil — Mulheres No Exterior Unidas Pela Democracia	Boston
4	Manifestação contra o GOLPE em CHICAGO	Chicago
5	Brasileiros contra o golpe em LA	Los Angeles
6	Coletivo Por Um Brasil Democrático	Los Angeles
7	Coletivo Alert NY	Nova York
8	Defend Democracy in Brazil (DDB)	Nova York
9	Mulheres da resistência no exterior	Nova York
10	Brazilian Resistance Against Democracy's Overthrow — (BRADO-NYC)	Nova York
11	Coletivo desbordar	São Francisco
12	Brazilians for Democracy and Social Justice — Washington DC	Washington

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos mapeamentos produzido pela FIBRA. Consulta em: 06 de outubro de 2022. Disponível em: <https://fibrabrasil.wordpress.com/coletivos/>

Verifica-se também a existência de coletivos construídos em torno da questão de gênero. De acordo com Bordt, essa forma de associação é cada vez maior entre mulheres engajadas (1990). Além da conexão com o feminismo, a multiplicação de coletivos nos Estados Unidos também faz parte de um movimento mais amplo que mobilizou brasileiros em diversos países com diferentes status, seja como estudantes, seja como migrantes econômicos estabelecidos. Esse fenômeno se insere em um contexto global de emergência de novos canais de comunicação entre ativistas além das fronteiras nacionais, permitindo com mais facilidade a efetivação de ações coordenadas que podem ser identificadas como coalizões, segundo Sidney Tarrow (2005).

Coletivos liderados por brasileiros em diversos países que, à medida que ampliava a adesão, conseguiram efetivar protestos concomitantes em diferentes cidades, ampliando também a visibilidade da atuação transnacional dos brasileiros:

“Depois disso foram, vieram muitas outras cartas, muitas outras ações e muitos outros protestos né, o primeiro protesto que a gente organiza que é realmente grande é em 31 de março de 2016, teve um chamado tanto dentro do Brasil quanto como coletivos que já vinham ali se formando fora né, de Paris, Lisboa, Buenos Aires, enfim, Nova York, Washington, Los Angeles, tinha um também San Francisco, Montreal, enfim, tava todo mundo começando ali” (Entrevista anônima 1 concedida à TM em 09 de junho de 2021, via plataforma Zoom)







Se o contexto de crise que marcou 2016 permitiu a multiplicação das conexões entre brasileiros e pessoas com interesse prévio pelo Brasil, a construção de redes de solidariedade com a sociedade norte-americana se mostrou menos automática, de acordo com as entrevistas. Nesse sentido, destaca-se a particularidade do contexto internacional em 2016 e do embate público em torno da caracterização do processo de destituição de Dilma Rousseff. O debate sobre denominá-lo como impeachment — atribuindo a ele uma legitimidade legal — ou como golpe — para evidenciar a irregularidade e o jogo político por trás do processo — tomaram a opinião pública e a intelectualidade, tanto no Brasil quanto no exterior<sup>9</sup>.

A construção do enquadramento do processo de impeachment como uma ação anticonstitucional, em outras palavras, como um golpe de Estado, passou a ser parte estruturante da campanha transnacional em estudo. Tal como ocorreu na França, o contexto de crise abriu oportunidades políticas na medida em que os brasileiros e brasilianistas, norte-americanos ou brasileiros, se colocavam como vozes autênticas para abordar o impeachment nas mídias locais, especialmente os brasilianistas do meio acadêmico. As entrevistas indicam a confiança dos entrevistados de que o posicionamento da comunidade científica nos Estados Unidos poderia legitimar a denúncia do processo de *impeachment*, criando uma espécie de *boomerang* interpretativo.

Importa mencionar que as solidariedades transnacionais estabelecidas entre os migrantes e a população do país onde se desenvolve a ação diminuem os riscos impostos à mobilização distante do seu território de origem (Marques 2017). Os cidadãos nacionais que oferecem os recursos à estrangeiros, são chamados *cosmopolitas enraizados* (Tarrow, 2007 b). Em outras palavras, são atores políticos dedicados a oferecer solidariedade a causas que ultrapassam seu território de origem (Tarrow, 2007a, 88). Os acadêmicos ativistas transnacionais, sobretudo os brasilianistas, podem ser lidos como tais.

Embora o ativismo científico tenha ficado cada vez mais evidente e legítimo, em 2016, o cenário se mostrava mais complexo. Por fim, de acordo com o acadêmico Sidney Chalhoub, as associações se politizaram e passaram a ser cada vez mais presentes no debate público:

---

9 Parte desse debate pode ser verificado em obras que reuniram tanto intelectuais, quanto personalidades públicas. Ver: Jinkings e Doria (Et. Al.), 2016; Proener (Et.Al.), 2016.





Quando começou a questão do impeachment houve uma tensão na associação [Brazilian Studies Association] até porque o havia um grupo achando que a BRASA tinha que assumir uma posição política mais clara contrária ao golpe [...] então comecei a participar [...] tentando politizar mais Associação e chamar atenção para gravidade do que acontecia no Brasil... e a comissão da LASA também veio um pouco a reboque da tentativa de politizar essas associações em relação ao que ocorria no Brasil (Sidney Chalhoub em entrevista concedida à TM em 28 de maio de 2021, via plataforma Zoom).

Os intercâmbios culturais entre o Brasil e os Estados Unidos, que explicam a existência de uma comunidade acadêmica brasilianista tão relevante, também importam para a compreensão do contexto e das oportunidades políticas transnacionais. Parece válido afirmar que a legitimidade dessas vozes permitiu diminuir os custos para o ativismo migrante e permitiu que atores diversos disputassem os enquadramentos do impeachment como golpe em diferentes arenas, alcançado o debate público brasileiro. Visto que são migrantes ou estrangeiros com conexões com outro país, a “realidade social” para o ativista transnacional é multidimensional. Sendo assim, os enquadramentos propostos pelos ativistas não estão desconectados das relações interpessoais e ativistas que os brasileiros nos Estados Unidos mantêm com o Brasil, apesar da migração.

Tal como destacado por Sidney Tarrow, os migrantes que participam regularmente de atuações políticas transnacionais podem ser considerados com *militantes transnacionais* (2007, 88). Também chamados pela sociologia das migrações como *transmigrantes*, trata-se de migrantes que, mesmo distante territorialmente, eles não deixam de ter conexões com o seu país de origem. Conforme destacado por uma ativista:

A gente não inventa assunto, a gente não decide as coisas do nada, então tudo que a gente faz de alguma forma vem do Brasil, então é às vezes é uma coisa assim a gente está vendo uma discussão que tá rolando na mídia e tá bombando muito e aí a gente se tem algum contato com as partes envolvidas já contata, já pergunta, se não tem a gente ver qual que é a retórica, e o que que é que tá acontecendo, moldamos nossas campanhas e ações a partir de disso (Entrevista anônima 2 concedida à TM em 28 de maio de 2021, via plataforma zoom).

Com efeito, diferentes ações fizeram parte do repertório de ação dos coletivos brasileiros nos Estados Unidos em 2016. Essas conexões se refletem também nas arenas de ação dos ativistas. A primeira arena são os espaços públicos. Com o





objetivo de sensibilizar a população norte-americana sobre o golpe no Brasil, multiplicaram-se no período o número de protestos, atos e abaixo-assinados, como destacado em falas anteriores dos ativistas.

Além dos protestos, a mídia norte-americana também representou um alvo dos ativistas. De acordo com as entrevistas, objetivava-se não apenas sensibilizar a população norte-americana e a própria comunidade brasileira nos Estados Unidos, mas interessava oferecer o enquadramento do impeachment enquanto golpe para os parlamentares norte-americanos. Com o anseio de ampliar a desaprovação internacional do golpe, veículos de alcance global como o *New York Times* passaram a ser alvo:

“Eu acho que, eu acho que até a eleição de Bolsonaro, até [...] tem aí questões sobre “ai, foi golpe”, “não foi golpe”, “ai, Temer isso e aquilo” [...] “Brasil não tava no radar de democratas, naquela época não tinha tantos progressistas né, [...], a preocupação era Direitos Humanos, México, Guatemala, Honduras, El Salvador, alguma coisa na Colômbia né, mas não muito Brasil né, então a gente precisou fazer um trabalho muito árduo de trazer eles para entender o que estava acontecendo [...] especialmente com membros do Parlamento mais velhos [risos] um pouco mais quadrados, que eles vão só ler *New York Times*, *Washington Post* e o *Wall Street Journal*, a gente tinha um pouco de dificuldade, ficava esperando sair uma matéria tentando articular alguma coisa com jornalistas” (Entrevista anônima concedida à TM em 09 de junho de 2021, via plataforma zoom)

O relato destaca restrições para a ampliação das alianças, ao mesmo tempo em que nos permite refletir sobre a interação dinâmica entre os ativistas e o contexto. Conforme apontou Meyer, as oportunidades podem ser lidas de maneira relacional, abordando a agência do ativista, que não é dependente do contexto: ele pode agir com outros recursos para transformar as oportunidades a seu favor (2004, 126). Mas é certo que o contexto não é estático, sobretudo quando se pensa em um contexto multidimensional como é o caso do ativismo transnacional, como destacou Sikkink (Sikkink 2005).

As conexões transnacionais ativistas em favor da democracia no Brasil se ampliaram e se aprofundaram após o impeachment, permitindo o aperfeiçoamento do repertório de ação verificado em 2016. A transformação do contexto norte-americano e internacional que evidenciou a extrema-direita como uma força global, sobretudo após a eleição de Trump, transformou as oportunidades políticas dos brasileiros.





“Eu acho que a gente consegue lidar um pouco melhor com [isso], um pouco de maneira um pouco mais livre, mais fácil né, sem ter que ficar explicando tanta coisa quando o Bolsonaro é eleito e maneira na qual ele é eleito, muitas atenções voltam mais a isso. Aí quando ele demonstra ser tão apaixonado por Trump né, como ele falou na Organização das Nações Unidas em 2019, ele falou *I love you proTrump*, né, essas coisas nos ajudaram muito especialmente com a relação com o Democratas na câmara, porque existia muita essa oposição dos Democratas contra o Trump e o tanto que Trump e Bolsonaro tivessem na mesma caixinha, eles iam se opor Bolsonaro também. Então isso nos ajudava bastante” (Entrevista anônima 1 concedida à TM em 09 de junho de 2021, via plataforma zoom)

Efetivamente, após 2016, verifica-se a continuidade da atuação de coletivos criados naquele ano, bem como a evolução da sua organicidade. Destaca-se, nesse sentido, o surgimento da U.S. Network for Democracy<sup>10</sup> em 2018, que reuniu os coletivos, ativistas, acadêmicos, intelectuais, além de ampliar o apoio da sociedade norte-americana e do Washington Brazil Office em favor da democracia no Brasil. Segundo Green, liderança ativista do U.S. Network, contexto de 2016 foi uma gênese do processo de construção de redes.

“Com o movimento contra o golpe, depois contra Temer, e depois contra o Bolsonaro, então houve toda essa acumulação de energia que criou as possibilidades de denunciar Bolsonaro, e isso atraiu os acadêmicos que é estudam Brasil, dependendo da sua área, antropólogas que estudam povo indígena ou sobre afrodescendentes, [...] historiadores ou pessoas da literatura que tem uma consciência, responsabilidade ou são brasileiros e brasileiros, são minorias, são brasileiros e brasileiras, ou são pessoas que foram para o Brasil se apaixonaram pelo país, pela sua cultura” (James Green em entrevista concedida à TM em 13 de maio de 2021, via plataforma zoom)

A fala do entrevistado evidencia o caráter mutável e dinâmico das oportunidades políticas dispostas ao ativismo transnacional em um contexto de internacionalização de globalização complexa e de crise política. A internacionalização, entendida aqui enquanto uma estrutura ou janela de oportunidades políticas que é afetada pela ação do Estado-Nação em nível internacional e pelo nível nacional, se encontra em constante transformação

---

10 Tais iniciativas podem ser entendidas como *Transnacional advocacy networks* (Keck e Sikkink 1998).





(Della Porta e Tarrow 2005; Tarrow 2005; Sikkink 2005). Tais transformações podem ser ainda mais evidentes em contextos de “desdemocratização”.

## Considerações finais

O artigo buscou compreender quais foram as condições que permitiram que a campanha transnacional contra o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, evoluísse nos Estados Unidos em um curto período temporal. Para tanto, partiu-se de uma análise qualitativa que selecionou entrevistas com ativistas como principal fonte. A análise se baseou nas contribuições da sociologia dos movimentos transnacionais e da teoria do confronto político. De acordo com a abordagem proposta, as oportunidades e restrições do ativismo transnacional devem ser lidas a partir de uma perspectiva relacional.

A pesquisa evidenciou o papel do contexto de crise política no Brasil enquanto um motivador para a transnacionalização do confronto político. As entrevistas com ativistas permitiram refletir sobre a disputa por narrativas sobre o processo enquanto uma das motivações para o engajamento. Isto é, esperava-se que a adesão da mídia, da classe política, dos intelectuais e de setores progressistas norte-americanos à perspectiva do impeachment como um golpe de estado pudesse influenciar o cenário tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos.

Todavia, as entrevistas indicam que os canais nos Estados Unidos passaram a se abrir para os ativistas à medida que o próprio contexto estadunidense se transformou. Importante destacar que, segundo os ativistas, os ataques às instituições democráticas promovidas por Trump, a partir de 2017, ensejaram a abertura de muitos desses canais. Efetivamente, a rede de solidariedade que foi iniciada em 2016, caracterizada pela diversidade dos atores que a compuseram — migrantes econômicos, brasileiros estudantes, acadêmicos norte-americano —, foi responsável pela superação de grande parte dos obstáculos típicos da mobilização migrante. Destaca-se o espaço conquistado na mídia e no próprio parlamento, evidenciando o caráter relacional do confronto político transnacional. Assim, as conexões mantidas pelas redes ativistas nos Estados Unidos com o debate público brasileiro, projetaram no cenário internacional a reflexão do processo de impeachment como golpe de estado.

Assim, a pesquisa indica que não apenas não o contexto do país importa, como também o contexto do país onde se desenvolve então, o que garante um





caráter multidimensional ao confronto transnacional. Tal como colocou Meyer, em famosa metáfora, os ativistas são como vendedores de guarda-chuvas, que, ainda que tenham boas técnicas de venda, vendem mais quando chove (2015). Isto é, em um cenário de internacionalização complexa, é possível pensar que quando a chuva em um bairro distinto é observada sendo empurrada pelo vento para o seu próprio bairro, atenta-se para a necessidade de guarda-chuva.

Por fim, é possível verificar por meio da pesquisa que a crise de 2016 deu origem a conexões transnacionais mais duradouras, ainda existentes, e cada mais atuantes nos Estados Unidos, com conexões com atores e redes políticas brasileiras e internacionais. Tais conexões, como a U.S. Network for Democracy in Brazil<sup>11</sup> desafiam o entendimento de que o ativismo transnacional é caracterizado pela efemeridade. Antes de tudo, evidenciam o seu papel desses ativistas para a construção de solidariedades transnacionais e a promoção de iniciativas voltadas para a construção de uma cultura global de respeito à democracia.

## Referências

- Alles, Delphine; Guibaud, Auriane; Lagrange, Delphine. 2016. “L’entretien en relations Internationales”. In: Devin, Guillaume (org.). *Méthodes de recherche em Relations Internationales*. Paris: Sciences Po.
- Alonso, Angela. 2012. “Repertório, segundo Charles Tilly: História de um Conceito”. *Sociologia & Antropologia*, vol. 2, n° 3, pp. 21-41.
- Arturi, Carlos S. 2004. “Contestação Internacional e Reação Inter-estatal”. *Civitas, Porto Alegre* 4 (2), 285-302.
- Ayuso, Silvia. 2016a. “Temer, entre o silêncio dos EUA e o embate com a esquerda da região”. *El País*. 20 de maio. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/17/politica/1463486544\\_844691.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/17/politica/1463486544_844691.html)
- Ayuso, Silvia. 2016b. EUA respaldam impeachment e prometem trabalhar com Michel Temer. *El País*. 08 de setembro. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/07/internacional/1473281921\\_337121.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/07/internacional/1473281921_337121.html)
- Barros-Platiau, Ana Flávia Granja; Soendergaard, Niels. *Organizações e instituições internacionais*. São Paulo: Contexto, 2021.
- Bianchi, Bernardo; Chaloub, Jorge; Rangel, Patrícia; Wolf, Frieder. 2021. “Democracy and Brazil: Collapse and Regression”. New York: Routledge.

---

11 Ver: U.S. Network for democracy in Brazil. Sem data. “Home”. Disponível em: <https://www.democracynetwork.org/portfolio>. Acesso em: 20 de junho de 2024.





- Bordt, Rebecca L. 1990. "How alternative ideas become institutions: the case of feminist collectives". *Non profitand Voluntary Sector Quarterly*, vol. 26, no. 2, June.
- Brasil. Ministério das Relações Exteriores. 2021. "Comunidade brasileira no exterior: estimativas referentes ao ano de 2020. Secretaria de assuntos de soberania nacional e cidadania". Departamento consular. Junho. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/artigos-variados/comunidade-brasileira-no-exterior-2013-estatisticas-2020>
- Bringel, Breno. 2011. "A busca de uma nova agenda de pesquisas sobre os movimentos sociais e o confronto político: diálogos com Sidney Tarrow". *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 10, n. 18, p. 51-73, abr.
- Cervo, Amado Luís; Lessa, Antônio Carlos. 2014. "O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014)". *RBPI*. v. 57, n. 2.
- Clark, A. M. 1995. Non-governmental organisations and their influence on international society'. *Journal of International Affairs*, 48.
- Cogo, Denise. 2019. "Brazilians in Spain: communication and transnational activism in a context of economicpolitical crisis". *Communication & Society*, 32(4), 223-238.
- Dauvin, Pascal ; Siméant-Germanos, Johanna. 2001. "Travailler sur l'humanitaire par entretiens — Retour sur une « méthode »". *Mots*. 65 pp. 117-133.
- Della Porta, Donatella; Tarrow, Sidney (Orgs.). *Transnational Protest and Global Activism: people, passions and power*. Lanham: Rowman and Littlefield, 2005.
- Devin, Guillaume. 2004. "Introduction". In: Devin, Guillaume (org.). *Les solidarités transnationales*. Paris: L'Harmattan.
- Devin, Guillaume; Smouts, Marie-Claude. *Les organisations internationales*. Paris: Armand Colin, 2011.
- Foucher, Marilza de Melo. 2019. "Historiadora francesa denuncia retrocessos do Brasil na Europa: 'Acreditamos no poder da solidariedade internacional'". *Brasil 247*. 27 de junho. Disponível em: [https://www.brasil247.com/cultura/historiadora-francesa-denuncia-retrocessos-do-brasil-na-europa-acreditamos-no-poder-da-solidariedade-internacional?fbclid=IwAR3U495U8IJscOm3govSJBfjTeQ8dsRlO\\_IwIzD0JlOkYotQV0WUVYHgeJm](https://www.brasil247.com/cultura/historiadora-francesa-denuncia-retrocessos-do-brasil-na-europa-acreditamos-no-poder-da-solidariedade-internacional?fbclid=IwAR3U495U8IJscOm3govSJBfjTeQ8dsRlO_IwIzD0JlOkYotQV0WUVYHgeJm)
- Fortes, Bartira. 2020. "Democracy, a tragic carnivalesque hero: The Narratives of a Transnational Social Movement Against the Coup in Brazil". Dissertation. Stockholm University : Department of Social Anthropology.
- Gohn, Maria da Glória; Bringel, Breno. 2012. *Movimentos sociais na era global*. São Paulo: Vozes.
- Green, James. 2009. *Apesar de vocês: Oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras.





- Green, James N. 2018. "Brazil in Transition: Beliefs, Leadership, and Institutional Change". *Hispanic American Historical Review*.
- Herz, Mônica; Hoffmann, Andrea R. 2004. *Organizações internacionais: história e práticas*. Elsevier Rio de Janeiro, RJ.
- Jinkings, Ivana; Doria Kim (Et. Al.). 2016. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Keck, Margareth; Sikkink, K. 1998. "Activists beyond borders: Advocacy Networks in International politics". Cornell University Press.
- Levistky, Steven; Ziblat, Daniel. 2018. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Limongi, Fernando. 2023. *Operação impeachment: Dilma Rousseff e o Brasil da Lava Jato*. São Paulo, Todavia.
- Marques, Teresa. 2011. "Militância política e solidariedades transnacionais: a trajetória dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)". Programa de pós-graduação em Ciência Política (tese de doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Marques, Teresa. 2017. "O Exílio e as Transformações de Repertórios de Ação Coletiva: A Esquerda Brasileira no Chile e na França (1968-1978)". *Dados*, v. 60, p. 239-279.
- Milani, Carlos R. S.; Arturi Carlos (Org.); Solinís, Germán (Org.). *Democracia e Governança Mundial*. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS/UNESCO, 2002. v. 1. 295p.
- Meyer, David. 2004. "Protest and political Opportunities". *Annual Review of sociology*. Vol. 30, pp. 125-145.
- Meyer, David. 2015. *The politics of protest : Social movements in America*. Oxford: Oxford University Press.
- McAdam, Doug. 2003. "Beyond Structural Analysis: Toward a More Dynamic Understanding of Social Movements". In: Diani, Mario; McAdam, Doug (eds.). *Social Movements and Networks: Relational Approaches to Collective Action*. Nova Iorque: Oxford University.
- McAdam, Doug; Paulsen, Ronnelle. 1993. "Specifying the relationship between social ties and activism". *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 99, n. 3, p. 640-667, nov.
- McAdam, Doug; Tarrow, Sidney; Tilly, Charles. 2001. *Dynamics of Contention*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Milani, Carlos R. S. 2012. "Crise Política e Relações Internacionais: uma análise escalar da política externa brasileira". In: VI Conferência Nacional e Política externa e Política Internacional, Brasília.
- Moulin, Carolina. 2011. "Os direitos humanos dos humanos sem direitos: refugiados e a política do protesto". *RBCS*. v. 26, p. 145-155.







- Nicolau, Jairo. 2018. “Prefácio”. In: Levistky, Steven ; Ziblat, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar.
- Nye, Joseph S.; Keohane, Robert O. 1971. “Transnational Relations and World Politics: an Introduction”. *International Organization*, Madison, v. 25, n. 3, p. 329-349.
- Nóbrega, Camila. 2016. O Olhar da imprensa internacional sobre o impeachment no Brasil. *Carta Capital*. 28 de abril. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/o-olhar-da-imprensa-internacional-sobre-o-impeachment-no-brasil/>
- Pelúcio, Larissa; Paz, Diego. 2020. “#paslui : feminismos brasileiros no hexágono europeu”. *Estudos feministas*. Vol. 28, n. 3.
- Proener, Carol (Et. Al.). 2016. A resistência internacional ao golpe de 2016. Bauru: Clacso/Praxis.
- Sauviat, Catherine. 2015. “Obama et les immigrés : les illusions perdues”. *Plein Droit*, 3, n. 106, p. 24-27.
- Svartman, Eduardo; Silva, André Reis da. 2016. “Castigo sem crime? Raízes domésticas e implicações internacionais da crise brasileira”. *Conjuntura Austral*. 7(35):4.
- Smith, Jackie; Chatfield, Charles; Pagnucco, Ron. 1997. “Transnational social movements and global politics : Solidarity beyond State”. Syracuse University Press.
- Silva, Marcelo Kunrath; Cotanda, Fernando; Pereira, Matheus. 2017. “Interpretação e ação coletiva: o “enquadramento interpretativo” no estudo de movimentos sociais”. *Sociologia e Política*, v. 25, p. 143-164.
- Sikkink, Kathryn. 2005. “Patterns of dynamic multilevel governance and the insider-outsider Coalition”. In: Della Porta, Donatella; Tarrow, Sidney (eds.). *Transnational Protest and Global Activism: people, passions and power*. Lanham: Rowman and Littlefield.
- Siméant-Germanos, Johanna. 2010. “La transnationalisation de l’action collective”. In: Agrikoliansky, E.; Sommier, I.; Fillieule, O. *Penser les mouvements sociaux: conflits sociaux et contestations dans les sociétés contemporaines*. Paris: LaDécouverte.
- Siméant, Johana. 1998. *La cause de sans papiers*. Paris: Sciences Po.
- Tarrow, Sidney. 2007a. *The New Transnational Activism*. 3a. Edição, New York: Cambridge University Press.
- Tarrow, Sidney. 2007b. “Cosmopolites enracinés et militants transnationaux”. *Lien social e politiques*. 58, p.87-102.
- Tarrow, Sidney. 2009. “Poder em movimento: movimentos sociais e confronto político”. Petrópolis: Vozes.
- Tatagiba, Luciana. 2017. “Os protestos e a crise brasileira. Um inventário inicial das direitas em movimento (2011-2016)”. *Sinais Sociais*, v. 11, p. 71-98.
- Tatagiba, Luciana. 2018. “Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff”. *Lusotopie*, v. 17, p. 112-135.





- Tilly, Charles. 2006. Regimes and Repertoires”. Chicago: University of Chicago Press.
- Tilly, Charles. 2007. Democracy. New York: Cambridge.
- Tilly, Charles; Tarrow, Sidney. 2008. Politique(s) du Conflit: De la Grève à la Révolution. Paris, Presses de Sciences Po.
- Ury, William. 1991. Richard. “Anatomy of a crisis”. In : Breslin, J. William ; Rubin, Jeffery (Orgs.). Negotiation the ory and Practice. Cabrindge : Harvard, p.47-54.
- U.S. Network for democracy in Brazil. Sem data. “Home”. Disponível em: <https://www.democracybrazil.org/portfolio>. Acesso em: 20 de junho de 2024.
- Vigevani, Tullo. 2011. Relações Brasil-Estados Unidos. Brasília, DF: CEPAL.Escritório no Brasil/ IPEA. (Textos para Discussão CEPAL-IPEA, 30).

